

# Mario Quintana

## *Nariz de Vidro*

MANUAL DO  
PROFESSOR

Ilustrações de  
Rogério Borges



 MODERNA



MARIO QUINTANA

Ilustrações de  
Rogério Borges

# *Nariz de Vidro*

3ª edição

MANUAL DO  
PROFESSOR



COORDENAÇÃO EDITORIAL Maristela Petrili de Almeida Leite  
EDIÇÃO DE TEXTO Carolina Leite de Souza, Marília Mendes  
SELEÇÃO DE TEXTOS Mery Weiss  
COORDENAÇÃO DE REVISÃO Elaine Cristina del Nero  
REVISÃO Adriana C. Bairrada, Luciana Garcia  
COORDENAÇÃO DE EDIÇÃO DE ARTE Camila Fiorenza  
PROJETO GRÁFICO Camila Fiorenza  
CAPA Victor Burton  
ILUSTRAÇÕES Rogério Borges  
DIAGRAMAÇÃO Cristina Uetake, Elisa Nogueira  
COORDENAÇÃO DE BUREAU Américo Jesus  
TRATAMENTO DE IMAGENS Arleth Rodrigues, Resolução Arte e Imagem  
PRÉ-IMPRESSÃO Vitória Sousa  
COORDENAÇÃO DE PRODUÇÃO INDUSTRIAL Arlete Bacic de Araújo Silva

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Quintana, Mario  
Nariz de vidro : manual do professor / Mario Quintana ;  
ilustração Rogério Borges. – 3. ed. - São Paulo :  
Editora Moderna, 2020.

ISBN 978-65-5779-527-9

I. Ficção - Literatura infantojuvenil I. Borges, Rogério.  
II. Título.

20-46093

CDD-028.5

**Índices para catálogo sistemático:**

I. Ficção : Literatura infantojuvenil 028.5

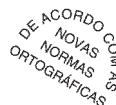
Aline Grazielle Benitez – Bibliotecária – CRB-1/3129

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

*Todos os direitos reservados*

**EDITORA MODERNA LTDA.**

Rua Padre Adelino, 758 - Belenzinho  
São Paulo - SP - Brasil - CEP 03303-904  
Vendas e Atendimento: Tel. (11) 2790-1300  
www.modernaliteratura.com.br  
2020





MODERNA



*Textos selecionados da seção  
"Letras & Livros" do Correio do Povo,  
Porto Alegre, RS, e da obra completa do autor.*

# Sumário



- O adolescente, 8  
O circo o menino a vida, 10  
Indivisíveis, 12  
A surpresa de ser, 14  
Dança, 16  
Os poemas, 18  
O poema, 19  
Rãzinha verde, 20  
Bilhete, 21  
Eu nada entendo, 22  
Minha rua, 23  
Rechinam meus sapatos, 24  
Que bom ficar assim, 25  
Poema de circunstância, 26  
Canção da aia para o filho do rei, 28  
Canção de muito longe, 30  
Canção de garoa, 31  
Canção do charco, 32  
É a mesma a ruazinha sossegada, 34  
Um dia acordarás, 35  
De gramática e de linguagem, 36  
O dia seguinte do amor, 38  
Viagem antiga, 39  
A gente ainda não sabia, 40  
Recordo ainda..., 42  
O dia abriu seu para-sol bordado, 43  
Na outra margem, 44  
A noite grande, 45  
O peregrino malcontente, 46

Seiscentos e sessenta e seis, 48  
Tão simplesmente, 49  
O mudo passeio do Doutor Quejando, 50  
Anotação que não coube no poema anterior, 51  
Se eu fosse um padre, 52  
Passarinho empalhado, 53  
Apontamentos para uma elegia, 54  
Os pés, 56  
Uma simples elegia, 57  
Tudo tão vago..., 58  
Canção de primavera, 60  
Os dois gatos, 62  
Tão lenta e serena e bela, 66  
Canção de baú, 67  
O ovo, 68  
O baú, 69  
Cadeira de balanço, 70  
*Cocktail party*, 72  
O cais, 73  
Poema da gare de Astapovo, 74  
Depois do fim, 76  
Um voo de andorinha, 77  
O poeta e a sereia, 78  
De repente, 79  
Evolução, 80  
Cuidado!, 81  
Canção de um dia de vento, 82  
A canção da vida, 84  
Inscrição para uma lareira, 85

Autor e obra, 86

Paratexto: Tão leve estou que já nem sombra  
tenho — notas sobre a obra de Mario Quintana, 89



## *O adolescente*

A vida é tão bela que chega a dar medo.

Não o medo que paralisa e gela,  
estátua súbita,  
mas

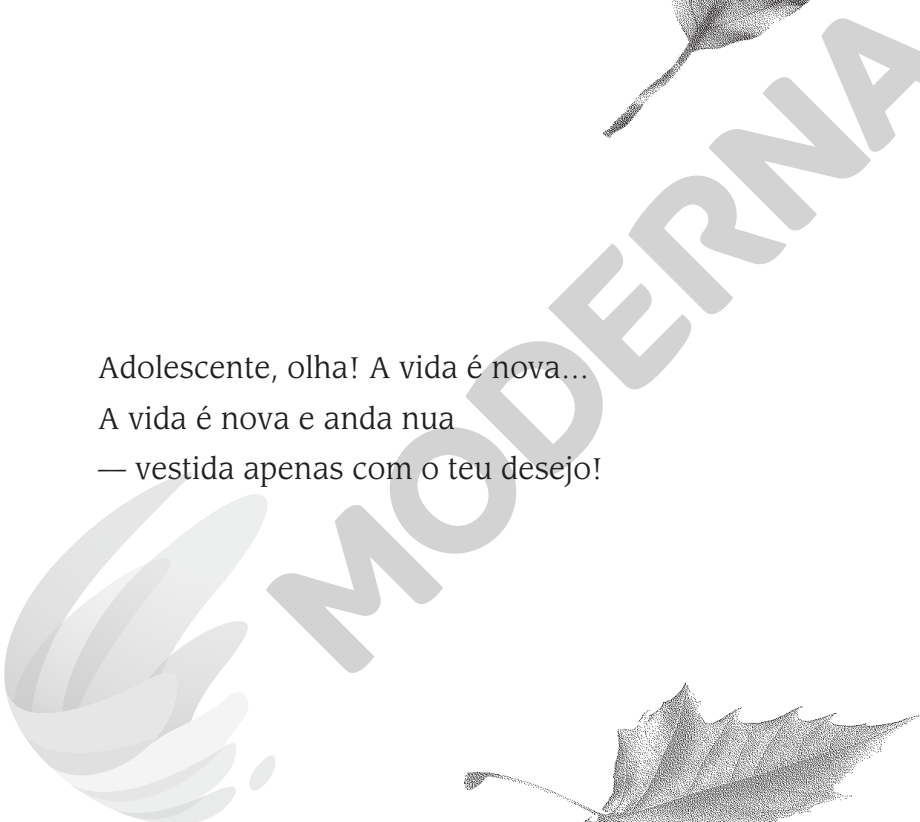
esse medo fascinante e fremente de curiosidade que faz  
o jovem felino seguir para a frente farejando o vento  
ao sair, a primeira vez, da gruta.

Medo que ofusca: luz!

Cumplicemente,  
as folhas contam-te um segredo  
velho como o mundo:







Adolescente, olha! A vida é nova...  
A vida é nova e anda nua  
— vestida apenas com o teu desejo!



## *O circo o menino a vida*

A moça do arame  
equilibrando a sombrinha  
era de uma beleza instantânea e fulgurante!  
A moça do arame ia deslizando e despindo-se.

Lentamente.

Só para judiar.

E eu com os olhos cada vez mais arregalados  
até parecerem dois pires:

Meu tio dizia:

“Bobo!

Não sabes

que elas sempre trazem uma roupa de malha por

[baixo?”

(Naqueles voluptuosos tempos não havia maiôs nem

[biquínis...)

Sim! Mas toda a deliciante angústia dos meus olhos  
[virgens

segredava-me

sempre:

“Quem sabe?...”

Eu tinha oito anos e sabia esperar.

Agora não sei esperar mais nada

Desta nem da outra vida,

No entanto

o menino

(que não sei como insiste em não morrer em mim)

ainda e sempre

apesar de tudo

apesar de todas as desesperanças,

o menino

às vezes

segreda-me baixinho

“Titio, quem sabe?...”

Ah, meu Deus, essas crianças!





## *Indivisíveis*


O meu primeiro amor sentávamos numa pedra  
Que havia num terreno baldio entre as nossas  
[casas.

Falávamos de coisas bobas,  
Isto é, que a gente grande achava bobas  
Como qualquer troca de confidências entre crianças de  
[cinco anos.


Crianças...

Parecia que entre um e outro nem havia ainda  
[separação de sexos

A não ser o azul imenso dos olhos dela,  
Olhos que eu não encontrava em ninguém mais,  
Nem no cachorro e no gato da casa,



Que apenas tinham a mesma fidelidade sem  
[compromisso  
E a mesma animal — ou celestial — inocência,  
Porque o azul dos olhos dela tornava mais azul o  
céu:  
Não, não importava as coisas bobas que disséssemos.  
Éramos um desejo de estar perto, tão perto  
Que não havia ali apenas duas encantadas criaturas  
Mas um único amor sentado sobre uma tosca pedra,  
Enquanto a gente grande passava, caçoava, ria-se,  
[não sabia  
Que eles levariam procurando uma coisa assim por  
[toda a sua vida...



# *A surpresa de ser*

Para Armindo Trevisan

A florzinha

Crescendo

Subia

Subia

Direito

Pro céu

Como na História de Joãozinho e o Pé de Feijão.

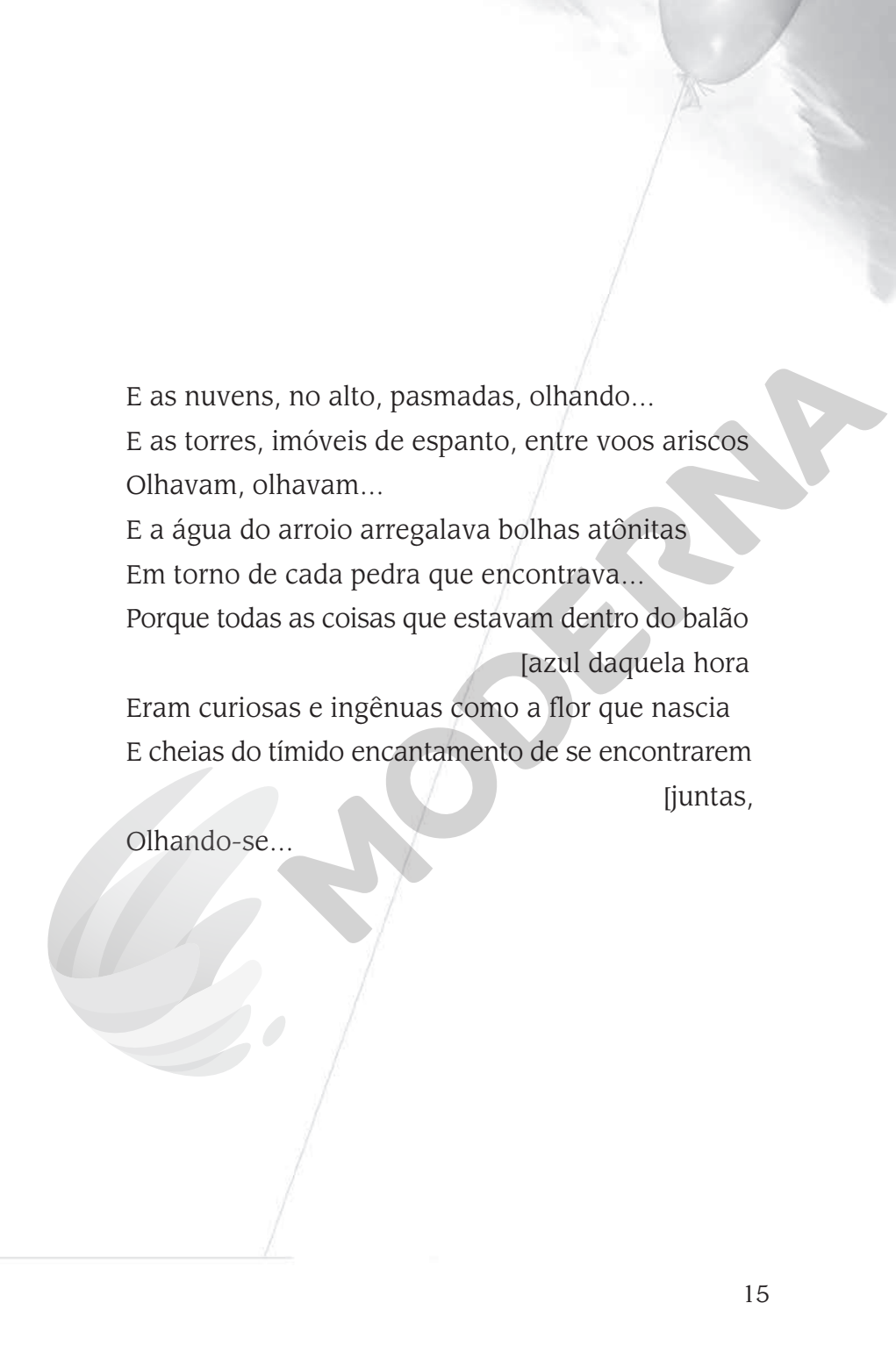
Joãozinho era eu

Na relva estendido

Atento ao mistério das formigas que trabalhavam

[tanto...





E as nuvens, no alto, pasmadas, olhando...  
E as torres, imóveis de espanto, entre voos ariscos  
Olhavam, olhavam...  
E a água do arroio arregalava bolhas atônitas  
Em torno de cada pedra que encontrava...  
Porque todas as coisas que estavam dentro do balão  
[azul daquela hora  
Eram curiosas e ingênuas como a flor que nascia  
E cheias do tímido encantamento de se encontrarem  
[juntas,  
Olhando-se...

# Dança

A menina dança sozinha  
por um momento.

A menina dança sozinha  
com o vento, com o ar, com  
o sonho de olhos imensos...

A forma grácil de suas pernas  
ele é que as plasma, o seu par  
de ar,  
de vento,  
o seu par fantasma...

Menina de olhos imensos,  
tu, agora, paras,  
mas a mão ainda erguida





segura ainda no ar  
o hastil invisível  
deste poema!





## *Os poemas*

Os poemas são pássaros que chegam  
não se sabe de onde e pousam  
no livro que lê.

Quando fechas o livro, eles alçam voo  
como de um alçapão.

Eles não têm pouso  
nem porto

alimentam-se um instante em cada par de mãos  
e partem.

E olhas, então, essas tuas mãos vazias,  
no maravilhado espanto de saberes  
que o alimento deles já estava em ti...

## O poema

Um poema como um gole d'água bebido no escuro.

Como um pobre animal palpitando ferido.

Como pequenina moeda de prata perdida para

[sempre na floresta noturna.

Um poema sem outra angústia que a sua misteriosa

[condição de poema.

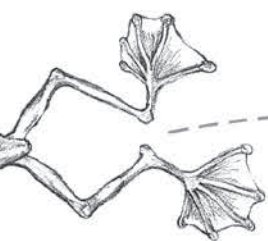
Triste.

Solitário.

Único.

Ferido de mortal beleza.





## *Rãzinha verde*

Rãzinha verde, tu nem sabes quanto  
foi o bem que eu te quis, ao encontrar-te...  
tu me deste a alegria franciscana  
de não fugires ao sentir meu passo.  
Tão linda, tão magrinha, pele e ossos,  
decerto ainda nem comeras nada...  
minha pequena bailarina pobre!  
Se eu fosse bicho... sabe lá que tontos  
que verdes amores seriam os nossos...  
Mas, se fosses gente, iríamos morar  
sob um céu oblíquo de água-furtada,  
um céu cara a cara — só nosso —  
e aonde apenas chegasse o canto das cigarras  
e o vago marulho do mundo afogado...